

ÉMILE ZOLA

NANA



ÉMILE ZOLA
NANA



I

Às nove horas a platéia do Théâtre des Variétés - estava ainda vazia. Alguns espectadores, no balcão e na orquestra, esperavam, como que tresmalhados por entre as poltronas de veludo vermelho, na branca claridade do lustre a meia-luz. Uma sombra inundava a grande mancha vermelha do pano e nem um ruído chegava da cena, estando a ribalta às escuras e as estantes dos músicos esbandalhadas. Somente em cima, no galinheiro, em redor da rotunda do teto, onde mulheres e crianças nuas tomavam o seu vôo num céu enverdecido pelo gás, os chamamentos e os risos sobressaíam por entre um alarido contínuo, e cabeças entoucadas ou embarretadas se mostravam, como que dispostas em degraus, sob as largas clarabóias redondas, de molduras douradas. Por momentos aparecia uma funcionária, azafamada, de bilhetes na mão, conduzindo à sua frente um cavalheiro acompanhado de senhora, que se sentavam, o homem de casaca, a senhora elegante e esbelta, passeando o olhar pela sala.

Na orquestra, apareceram dois jovens. Conservaram-se de pé, observando.

— Não te dizia eu, Hector — exclamou o mais velho dos dois, um rapagão de bigode negro —, que chegávamos muito cedo?... Bem podias ter me deixado acabar o meu charuto.

Passava uma funcionária.

— Oh! M. Fauchery ? — disse ela familiarmente. — Isso não vai começar antes de meia hora.

— Nesse caso, por que anunciam eles para as nove horas? — murmurou Hector, cujo rosto magro e comprido tomou uma expressão aborrecida. — Ainda esta manhã Clarisse, que trabalha na peça, me garantiu que principiaria às nove em ponto.

Calaram-se um momento, levantando a cabeça e perscrutando a sombra dos camarotes. O papel verde com que estes eram forrados sombreava-os ainda mais. Embaixo, sob a galeria, as frisas achavam-se mergulhadas em completa escuridão. Nos camarotes havia apenas uma senhora gorda, toda caída para cima do veludo da balaustrada. À direita e à esquerda, entre altas colunas, os camarotes de boca guarnecidos com as suas sanefas de compridas franjas conservavam-se vazios. A sala, decorada em branco e

ouro, realçada em verde-claro, esmaecia, como que cheia por uma fina poeira produzida pelas chamas curtas do grande lustre de cristal.

— Conseguiu o teu camarote de boca para Lucy? — perguntou Hector.

— Sim — respondeu o outro. — Mas não foi sem custo... Ah! Não há perigo de que Lucy venha muito cedo, essa então...

E abafou um ligeiro bocejo; depois, após um silêncio:

— Tu é que tens sorte, tu, que nunca assististe a uma primeira apresentação... A Blonde Vênus há de ser o acontecimento da época. Fala-se nisso há já seis meses. Ah! meu caro, que música! Que elegância... Bordenave, que conhece seu trabalho, guardou isso para a época da exposição.

Hector escutava religiosamente. Fez uma pergunta:

— E Naná, a nova estrela, que deve desempenhar o papel de Vênus, tu a conheces?

— Bom, bom! Não vamos recomeçar! — gritou Fauchery, levantando os braços. — Desde esta manhã que me aborrecem com a tal Naná. Já encontrei mais de vinte pessoas, e é Naná para aqui, Naná para lá! Sei lá! Conheço acaso todas as jovens de Paris? Naná é uma invenção de Bordenave. Deve ser coisa limpa!

Acalmou-se. Mas o vazio da sala, a luz atenuada do lustre, aquele como que recolhimento de igreja, cheio de vozes cochichantes, e o bater de portas, irritaram-no.

— Ah! Não! — disse de repente. — A gente aqui satura-se. Vou sair... Talvez encontremos Bordenave lá em baixo. Ele nos dará informações...

Embaixo, no grande vestíbulo lajeado de mármore, onde se achava instalada a bilheteria, o público começava a aparecer. Pelas três portas de grades abertas, via-se passar a vida ardente dos bulevares que formigavam e flamejavam sob a bela noite de abril. O rodar das carruagens detinha-se bruscamente, as portinholas fechavam-se com estrépito, e entravam pessoas em pequenos grupos, estacionando diante da bilheteria, subindo, lá do fundo, pela dupla escadaria, onde as mulheres retardavam o passo num balouçar de corpo.

Na claridade crua do gás, sobre a nudez desconfortável daquela sala, na qualuma escassa decoração Império formava um peristilo como de templo de cartão, altos cartazes amarelos se ostentavam, berrantes, com o nome Naná em grossas letras pretas. Homens como que chumbados à passagem

liam-nos; outros, de pé, conversavam, obstruindo as portas, enquanto, perto do escritório, um homem obeso, de larga face raspada, respondia brutalmente às pessoas que insistiam na aquisição de lugares.

— Ali está Bordenave — disse Fauchery, descendo a escada.

Mas o empresário já o tinha visto.

— Ah! O senhor é muito amável! — bradou-lhe ele de longe. — Assim é que me fez aquela crônica... Esta manhã abri o Figaro e... nada.

— Não tenha pressa — respondeu Fauchery. — Preciso conhecer a sua Naná antes de falar dela... E de resto, eu nada prometi.

Depois, para mudar de conversa, apresentou-lhe seu primo, M. Hector de la Faloise, um rapaz que vinha completar a sua educação em Paris. O empresário avaliou o apresentado num relance de olhos. Mas Hector examinava-o com emoção. Era, pois, aquele Bordenave, o contratador de mulheres, que as tratava como um roceiro, aquele cérebro sempre esquentado pelos reclamos, berrando, escarrando, batendo nas coxas, cínico e com um espírito de policial? Hector julgou conveniente dirigir-lhe uma frase amável.

— O seu teatro... — principiou ele com voz aflautada. Bordenave interrompeu-o tranqüilamente, com uma frase crua, como homem que gosta de situações claras:

— Diga antes o meu bordel.

Fauchery deu uma risada aprovadora, enquanto La Faloise ficava com o seu cumprimento entalado na garganta, muito chocado, tentando parecer gostar da frase. O empresário precipitara-se para dar um aperto de mão a um crítico dramático, cujo folhetim tinha uma grande influência. Hector receava ser tratado como provinciano, se se mostrasse muito embaraçado.

— Disseram-me — recomeçou ele, querendo absoluta mente achar qualquer coisa — que Naná tem uma voz deliciosa.

— Ela! — exclamou o empresário, encolhendo os ombros. — É uma verdadeira taquara rachada!

O rapaz apressou-se a acrescentar:

— De resto, é uma excelente atriz.

— Ela!... Um saco de batatas! Não sabe onde há de pôr os pés nem as mãos.

La Faloise corou levemente. Não entendia. Balbuciou:

— Eu, por coisa nenhuma deste mundo, faltaria a esta primeira apresentação. Sabia que o seu teatro...

— Diga antes o meu bordel — interrompeu novamente Bordenave, com a pertinácia de homem convencido.

Entretanto, Fauchery, muito calmo, olhava para as mulheres que entravam. Veio em auxílio do primo, quando o viu boquiaberto, não sabendo se devia rir ou zangar-se.

— Faz a vontade de Bordenave, chama o seu teatro como ele quer, uma vez que isso o diverte... E o senhor, meu caro, não faça pose. Se a sua Naná não sabe cantar nem representar, o senhor fará fiasco, nem mais nem menos. De resto, é só o que eu receio.

— Um fiasco! — berrou o empresário, cujo rosto se ruborizava. — Porventura uma mulher precisa saber cantar ou representar? Ah! meu jovem, és muito pateta... Naná tem outra coisa, garanto-te! E é uma coisa que suplanta tudo. E, ou eu farejei nela esse quid, ou o meu nariz não passa de um nariz de imbecil... Verás, verás, bastará que ela apareça para que toda a platéia fique com a língua de fora.

Ele erguera as grossas mãos que tremiam de entusiasmo e, aliviado, baixava a voz e grunhia para si:

— Sim, aquela há de ir longe... Ah! Com mil raios! Sim. Aquela há de ir longe... Ah! Que pele, que pele!

Depois, como Fauchery o interrogasse, ele resolveu entrar em detalhes com uma crueza de expressões que constrangia Hector de Ia Faloise. Conhecera Naná e queria lançá-la. Justamente, por essa época, procurava uma Vênus. Ele nunca se embarçava por muito tempo por causa de uma mulher; gostava imenso de, sem perda de tempo, satisfazer o público. Mas havia um mal-estar horrível nos camarins, que a vinda daquela garota formidável punha em rebuliço. Rose Mignon, a sua estrela, uma fina comediante e uma adorável cantora, essa, todos os dias ameaçava que o abandonaria, furiosa, adivinhando uma rival. E, para a execução do cartaz, que balbúrdia, santo Deus! Por fim, ele decidira pôr o nome das duas atrizes em igual tamanho. Era preciso não o aborrecerem. Quando uma das suas mulherzinhas, como ele lhes chamava, Simonne ou Clarisse, não andava direito, dava-lhe um pontapé no traseiro. De outro modo, não poderia viver.

Ele as vendia; portanto, bem sabia o que elas valiam, as desavergonhadas!

— Ora vejam! — disse ele, interrompendo-se. — Mignon e Steiner. Sempre juntinhos. Não sei se sabem que Steiner começa a saturar-se de Rose; também o marido não a larga, com medo de que ele lhe escape.

A fila de bicos de gás que chamejavam na cornija do teatro projetava sobre o passeio uma cortina de viva claridade. Duas arvorezinhas destacavam-se nitidamente, no seu verde cru; uma coluna alvejava, iluminada tão em cheio que se liam nela de longe os cartazes, como se fosse dia; e, para além dela, a noite fechada do bulevar era penetrada por luzes, na onda de uma multidão sempre em movimento. Havia muitos homens que não entravam logo, ficavam fora, conversando, enquanto acabavam de fumar o seu charuto, sob a luz de gás da cornija, que lhes dava ao rosto uma palidez macilenta e recortava no asfalto as suas pequenas sombras negras. Mignon, um rapazola muito alto, muito forte, com uma cabeça teimosa de héracles de feira, abria passagem pelo meio dos grupos, arrastando pelo seu braço o banqueiro Steiner, muito baixinho, com o ventre já bastante rotundo, o rosto redondo e emoldurado por uma barba grisalha.

— Muito bem! — disse Bordenave ao banqueiro. — O senhor encontrou-a ontem no meu gabinete.

— Ah! era ela! — exclamou Steiner. — Eu já descon fiava: O pior é que eu saía justamente quando ela vinha en trando, e por isso mal a vi.

Mignon escutava, de pálpebras descidas, fazendo girar no dedo um anel de grande diamante. Percebera que se tratava de Naná. Depois, como Bordenave fizesse da sua estreante um retrato que acendia uma chama nos olhos do banqueiro, ele acabou por intervir.

— Deixe-o falar, meu caro, é uma marafona! O público vai com certeza vaiá-la... Steiner, meu querido, como sabe, a minha mulher espera-o no seu camarim.

Quis reapossar-se dele, mas Steiner recusava-se a deixar Bordenave. Em frente deles, uma fila esmagava-se no recinto da bilheteria, um burburinho de vozes subia, no qual o nome de Naná soava com a vivacidade cantante das suas duas sílabas. Os homens que paravam diante dos cartazes soletravam-no em voz alta; outros pronunciavam-no ao passar, em tom de interrogação, enquanto as mulheres, inquietas e sorridentes, o repetiam suavemente, com ar de surpresa. Ninguém conhecia Naná. De onde diabos caía aquela criatura? E corriam histórias, gracejos cochichados de ouvido para ouvido. Era uma carícia aquele nome, um pequenino nome que se tornava familiar em todas as bocas. Só o ato de pronunciá-lo daquele modo alegrava a multidão, tornava-a bem disposta. Uma curiosidade febril impelia toda a gente, essa curiosidade de Paris, que tem a violência de um

acesso de loucura viva. Queriam ver Naná. Uma senhora ficou sem a guarnição de seu vestido, que foi arrancada; um homem perdeu o chapéu.

— Ah! Isso agora já é perguntar demais! — gritou Bordenave, a quem uma centena de homens assaltava com perguntas. — Já vão vê-la... Vou-me embora, estão à minha espera.

E desapareceu, encantado por ter excitado o seu público. Mignon encolheu os ombros, recordando a Steiner que Rose o esperava para lhe mostrar o seu traje para o primeiro ato.

— Olha! lá embaixo, Lucy descendo da carruagem — disse La Faloise a Fauchery.

Era com efeito Lucy Stewart, uma mulherzinha feia, quarentona, de pescoço muito comprido, de faces magras e estiradas, uma boca grosseira, mas tão viva, tão graciosa, que tinha em si um grande encanto. Trazia consigo Caroline Héquet e sua mãe. Caroline, uma beleza fria, a mãe, muito digna, com uns ares de múmia.

— Vem conosco, guardei-te um lugar — disse ela a Fauchery.

— Ah! Não, obrigado! Para não ver nada! — respondeu ele. — Tenho uma poltrona, prefiro ficar ao pé da orquestra.

Lucy zangou-se. Ele tinha então vergonha de aparecer com ela? Depois, repentinamente calma, mudando de assunto:

— Por que não me disseste que conhecias Naná?

— Naná! Se nunca a vi mais gorda!

— Verdade?... Pois juraram-me que tinhas dormido com ela.

Mas em frente a ambos, Mignon, com um dedo nos lábios, fazia-lhe sinal para se calar. E, como Lucy perguntasse por quê, ele apontou um rapaz que passava, murmurando:

— O gigolô de Naná.

Todos olharam para o rapaz que passava. Era bonito. Fauchery reconheceu-o. Era Daguinet, um rapaz que tinha esbanjado trezentos mil francos com as mulheres, e que, atualmente, jogava na Bolsa para lhes pagar raminhos de flores e jantares, de tempos a tempos. Lucy achou-lhe os olhos bonitos.

— Ah! Ali está Blanche! — disse ela. — Foi ela quem me disse que tinhas dormido com Naná.

Blanche de Sivry, uma jovem gorda e loira, cujo rosto bonito se empastava, chegava em companhia de um homem delicado, muito bem-posto, de uma grande distinção.

— O Conde Xavier de Vandevres — disse Fauchery ao ouvido de La Faloise.

O conde trocou um aperto de mão com o jornalista, enquanto se dava uma viva explicação entre Blanche e Lucy. Elas barravam a passagem com as suas saias carregadas de guarnições, uma em azul, outra em cor-de-rosa, e o nome de Naná subia aos seus lábios, tão estridulamente que toda gente as escutava. O Conde de Vandevres levou Blanche. Mas, naquele instante, como num eco, Naná soava por todo o vestíbulo, num tom mais alto, num desejo que aumentara com a espera. Não principiava ainda? Os homens puxavam dos relógios, os retardatários saltavam das suas carruagens antes de elas pararem, havia grupos que deixavam os passeios, onde os transeuntes lentamente atravessavam a esteira de luz agora livre, vazia, alongando o pescoço para verem o teatro.

Um garoto que chegara assobiando plantou-se diante de uma cartaz, à porta, e a seguir gritou: "Olá, Naná!", numa voz de bêbado, e prosseguiu no seu caminho, derreado, arrastando os chinelos. Uma gargalhada correu no ambiente.

Uns senhores muito distintos repetiram: "Naná, olá! Naná!" Esmagavam-se no apertão; travara-se uma discussão no recinto da bilheteria, aumentava um clamor, formado pelo sussurro das vozes que chamavam por Naná, que exigiam Naná num desses arranques de espírito bestial e de brutal sensualidade que passam pelas multidões. Mas, por sobre aquela balbúrdia, soou a campainha do intervalo. Subiu um rumor até o bulevar: "Já tocaram, já tocaram"; e foi então uma desordem medonha, todos queriam passar adiante, enquanto os porteiros faziam o possível para manter a ordem. Mignon, com ar inquieto, conseguiu por fim encontrar Steiner, que não fora ver o traje de Rose. Aos primeiros toques, La Faloise fendera a multidão, arrastando Fauchery, para não faltar à abertura. Aquela pressa do público irritou Lucy Stewart. "Olhem que grosseiras criaturas, empurrando as senhoras!" Ela ficou para o fim, com Caroline Héquet e sua mãe. O vestíbulo achava-se vazio; ao fundo, o bulevar conservava o seu roncar prolongado.

— Como se fossem sempre divertidas as suas peças! — repetia Lucy, subindo as escadas.

Na platéia, Fauchery e La Faloise, diante das suas poltronas, olhavam novamente. Agora a sala resplandecia. Altas chamas de gás iluminavam o grande lustre de cristal num jorrar de fogo amarelo e rosa, que se quebrava

da abóbada à platéia numa chuva de claridade. Os veludos vermelhos das cadeiras marmoreavam-se de laca, enquanto os ouros luziam e os ornamentos verde-alface suavizavam o brilho, sob as pinturas muito cruas do teto.

Iluminado por uma repentina esteira de luz, o palco como que incendiava o pano, em cuja pesada roupagem de púrpura havia uma riqueza de palácios fabulosos, brigando com a pobreza da moldura, onde as fendas mostravam o gesso sob os dourados. Fazia já calor. Em frente das suas estantes, os músicos afinavam os instrumentos, com trilos ligeiros de flauta, suspiros abafados de cornetim. vozes cantantes de violino, que se evolavam do meio do falatório crescente das pessoas. Todos os espectadores falavam, empurravam-se, instalavam-se, assaltando os lugares; e o apertão nos corredores era tão grande que a custo as portas deixavam passar a inesgotável onda de gente. E eram sinais de chamamento, roçar de vestidos, numa desfilada de saias e de penteados interceptados pelo negro de uma casaca ou de uma sobrecasaca. Entretanto, as filas de poltronas enchiam-se pouco a pouco; um traje claro se destacava, uma cabeça de fino perfil baixava o seu penteado onde cintilava uma jóia. Num camarote, certo pedaço de ombro nu tinha uma alvura acetinada. Outras mulheres havia que, tranqüilas, se abanavam com os leques, languidamente, seguindo com o olhar o empurrar da multidão, enquanto homens novos, de pé, na platéia, colete largamente decotado, gardênia na lapela, assestavam os seus binóculos com a ponta dos dedos enluvados.

Então, os dois primos procuraram os rostos seus conhecidos. Mignon e Steiner estavam juntos, numa frisa, os punhos apoiados no veludo do corrimão, ao lado um do outro.

Blanche de Sivry parecia ocupar sozinha uma frisa de frente.

Mas La Faloise observava sobretudo Daguinet, que tinha uma poltrona de platéia, duas filasadiante da sua.

Perto dele, um rapaz muito novo, de dezessete anos, quando muito, algum fugitivo de colégio, escancarava os seus belos olhos de querubim.

Fauchery sorriu ao vê-lo.

— Quem é aquela senhora que está além do balcão? — perguntou de repente La Faloise. — Aquela que tem uma jovem vestida de azul ao seu lado...

E indicava uma mulher gorda, encerrada no espartilho, uma antiga loira, já embranquecida e com os cabelos pintados de amarelo, cujo rosto

redondo, avermelhado pela pintura, inchava sob uma chuva de caracóis de criança.

— É Gaga — respondeu simplesmente Fauchery.

E, como aquele nome parecesse descoroçoar o primo, acrescentou:

— Não conheces Gaga?... Ela fez as delícias dos primeiros anos do reinado de Luís Filipe. Agora, arrasta por toda parte a filha consigo.

La Faloise não teve um único olhar para a jovem. O rosto de Gaga emocionava-o, não tirou mais os olhos dela; achava-a ainda muito boa, mas não se atreveu a dizê-lo.

Entretanto, o regente da orquestra levantava a batuta, os músicos atacavam a abertura. Continuava a entrar gente. A agitação e o barulho cresciam. Entre o público especial das primeiras apresentações, que era sempre o mesmo, havia recantos de intimidade onde os conhecidos se encontravam sorrindo, de chapéu na cabeça, à vontade, como se estivessem em família, trocando cumprimentos. Estava ali Paris, a Paris das letras, das finanças e do prazer, muitos jornalistas, alguns escritores, corretores da Bolsa, mais prostitutas do que mulheres honestas; gente singularmente misturada, composta de todos os gênios, estragada por todos os vícios, gente em que a mesma fadiga e a mesma febre passavam nos rostos. Fauchery, a quem o primo fazia perguntas, apontou-lhe os camarotes dos jornalistas e dos "círculos", depois nomeou os críticos dramáticos, um magro, o ar dissecado, com os lábios delgados e maus, e sobretudo um gordo, com cara de criança, deixando-se reclinar no ombro da sua vizinha, uma ingênua que ele acariciava com olhar terno e paternal.

Interrompeu-se, ao ver La Faloise cumprimentar as pessoas que ocupavam os camarotes da frente. Pareceu surpreender-se.

— O quê? — perguntou ele. — Tu conheces o Conde Muffat de Beuville?

— Oh! há muito tempo — respondeu Hector. — Os Muffat tinham uma propriedade perto da nossa. Visito-os muitas vezes... O conde está com a mulher e o sogro, o Marquês de Chouard.

E, por vaidade, feliz com a admiração que causava a seu primo, deu detalhes: o marquês era conselheiro de Estado, o conde acabava de ser nomeado camareiro da imperatriz. Fauchery, que pegava no binóculo, examinava a condessa, de cabelos escuros e pele branca, roliça, com uns belos olhos negros.

— Hás de apresentar-me num intervalo — acabou ele por dizer. — Encontrei-me já com o conde, mas gostaria de ir às suas recepções.

Psius enérgicos partiam das galerias superiores. A abertura principiara, o público continuava a entrar. Os retardatários forçavam filas inteiras de espectadores a levantar-se; as portas dos camarotes batiam; vozes grossas discutiam nos corredores. E o ruído das conversações não cessava, lembrando um chilrear de pardais, ao entardecer. Era uma confusão, uma desordem de cabeças e de braços que se agitavam, uns sentando-se e procurando acomodar-se, outros teimando em ficar de pé, para lançarem os últimos olhares aos camarotes e à platéia. O grito: "Sentados! Sentados!" saía violentamente das profundezas escuras da platéia. Um frêmito correra: iam afinal conhecer aquela famosa Naná, de que Paris se ocupava havia oito dias.

Pouco a pouco, as conversações apaziguavam-se, vagarosamente, apesar de renitentes vozes arrastadas. E, no meio daquele sussurro abafado, daqueles suspiros moribundos, a orquestra rebentava em pequenas notas saltitantes, numa valsa cujo ritmo debochado tinha risos de brejeirice. O público, sossegado, sorria já. Mas a claqué, nos primeiros bancos da platéia, bateu palmas fortemente. O pano levantou-se.

— Olha — disse La Faloise, que continuava a conversar. — Lucy está com um sujeito qualquer.

Ele olhava o camarote de boca, à direita, no qual Caroline e Lucy ocupavam a frente.

No fundo, via-se o rosto digno da mãe de Caroline e o perfil de um rapagão, de bela cabeleira, vestido irrepreensivelmente.

— Não vê? — repetia La Faloise com insistência. — Está lá um homem.

Fauchery decidiu-se a dirigir o seu binóculo para o lugar indicado. Logo o desviou.

— Oh! é Labordette — murmurou ele em voz descuidada, como se a presença daquele homem ali fosse para toda gente uma coisa muito natural e sem conseqüências.

Por detrás deles gritaram: "Silêncio!" Tiveram de se calar. Agora, era uma imobilidade em todo o teatro; um mar de cabeças, direitas e atentas, subia da orquestra ao anfiteatro. O primeiro ato da Blonde Vênus passava-se no Olimpo, um Olimpo de cartão, tendo nuvens por bastidores e o trono de Júpiter à direita. Eram, em primeiro lugar, íris e Ganimedes, acolitados

por uma porção de servidores celestes, que cantavam um coro, dispendo as cadeiras dos deuses para o concílio. De novo, os bravos encomendados da claque partiram isolados; o público, um pouco confundido, esperava. Todavia, La Faloise aplaudira Clarisse Besnus, uma das mulherzinhas de Bordenave, que desempenhava o papel de íris, em azul-claro, com uma grande faixa de sete cores amarrada à cintura.

— Sabes que ela tira a combinação para pôr aquilo? — disse ele a Fauchery, de forma a ser ouvido. — Nós presenciámos isso esta manhã... Via-se-lhe a combinação por debaixo dos braços e nas costas.

Um ligeiro frémito agitou a sala. Rose Mignon acabava de entrar, no papel de Diana. Muito embora não tivesse nem estatura nem figura para o papel, magra e trigueiríssima, de uma fealdade adorável de garoto parisiense, parecia encantadora, como uma própria paródia à personagem. O seu modo de entrar, as palavras de arrancar lágrimas com que ela se queixava de Marte, que se achava disposto a deixá-la por Vênus, tudo foi cantado com um ar de reserva pudica, tão cheia de subentendidos galhofeiros, que o público entusiasmou-se. O marido e Steiner, cotovelo com cotovelo, riam complacentemente. E toda a platéia gargalhou quando Prullière, esse ator tão estimado, se mostrou fardado de general, um Marte de Courtille, empenachado com uma pluma gigantesca, arrastando um sabre que lhe chegava ao ombro. Ele estava cheio de Diana até o pescoço e dava disso grandes ares. Então Diana jurava vigiá-lo e vingar-se. O dueto terminava por uma tirolesa patusca, que Prullière desempenhava muito jocosamente, com uma voz de jovem gato assanhado. Tinha uma fatuidade divertida de estreante em maré de sorte e esbugalhava os olhos de fanfarrão, o que despertava risos agudos nos camarotes.

Depois, o público tornou-se frio; as cenas seguintes eram fastidiosas. Foi com grande custo que o velho Bosc, um Júpiter imbecil, de cabeça esmagada pelo peso de uma coroa enorme, alegrou um pouco o público, quando teve uma questão caseira com Juno, a propósito da conta da sua cozinheira. O desfile dos deuses, Netuno, Plutão, Minerva e os outros, arriscou estragar tudo. O público impacientava-se, um murmúrio inquieto crescia lentamente, os espectadores desinteressavam-se e olhavam para a platéia. Lucy ria com Labordette; o Conde de Vandevres alongava o pescoço por detrás das fortes espáduas de Blanche. Fauchery examinava com olhar de orgulho os Muffat, o conde muito sério, como se não tivesse compreendido, a condessa vagamente sorridente, os olhos perdidos,

sonhando. Mas, bruscamente, naquele mal-estar, os aplausos da claqué crepitaram com a regularidade de um fogo de pelotão. Voltaram-se para a cena. Era Naná, enfim? Aquela Naná fazia-se esperar bastante!

Era uma deputação de mortais, que Ganimedes e Íris tinham introduzido, burgueses respeitáveis, todos eles maridos enganados, que ali vinham apresentar aos deuses uma queixa contra Vênus, que inflamava em verdade as suas mulheres com demasiado ardor. O coro, num tom dolente e ingênuo, cortado de silêncios cheios de confissões, divertiu bastante. Uma frase deu volta à platéia: "O coro dos chifrudos, o coro dos chifrudos!"; e a frase devia ficar, bradava-se "Bis". As cabeças dos coristas eram divertidas, achavam-lhes umas caras apropriadas, sobretudo a de um gordo, com a cara de lua cheia. Entretanto, Vulcano chegava, furioso, perguntando por sua mulher, que dera o fora havia três dias. O coro recomeçava, implorando a Vulcano, o deus dos cornudos. A personagem de Vulcano era desempenhada por Fontan, um comediante de um talento debochado e original, que bamboleava numa fantasia doida, vestido como um ferreiro de aldeia, de peruca flamante, os braços nus, tatuados de corações trespassados por setas. Uma voz de mulher deixou escapar muito alto: "Ah! que feio que ele é!", e toda gente riu e aplaudiu.

A cena que se seguiu parecia não ter fim. Júpiter parecia não acabar o concílio dos deuses, para lhe submeter a reclamação dos maridos infelizes. E a respeito de Naná, nada! Guardavam então Naná para o descer do pano? Tão prolongada espera acabara irritando o público. Os murmúrios recomeçavam.

— Isso vai mal! — disse Mignon a Steiner. — Uma pilhéria de mau gosto, você vai ver!

Naquele momento, as nuvens ao fundo apartaram-se, e Vênus apareceu. Naná, muito alta, muito forte para os seus dezoito anos, na sua túnica branca de deusa, os seus compridos cabelos loiros soltos com simplicidade pelas espáduas, descia para o palco com um aprumo tranqüilo, sorrindo ao público. E principiou a sua grande ária:

Quando Vênus ronda a noite...

Logo ao segundo verso, olharam-se uns aos outros na platéia. Seria um gracejo, alguma aposta de Bordenave? Nunca se ouvira uma voz tão falsa, nem entoada com menos graça. O diretor classificara bem, de fato era uma verdadeira taquara rachada. Ela nem mesmo sabia estar em cena, estendia as mãos para a frente enquanto balançava todo o corpo, de forma pouco

decente e desajeitada. Já na platéia berravam: "Oh! oh!", e nos lugares mais humildes assobiavam, quando uma voz de capão, de rapaz que está na muda, soou de entre as poltronas da orquestra, com convicção:

— Muito elegante!

Toda a platéia olhou. Era o querubim, o fugitivo do colégio, com os seus belos olhos arregalados, a sua face aloirada inflamada pela vista de Naná. Quando viu que toda gente se voltava para ele, ficou muito vermelho por ter falado tão alto sem querer.

Daguenet, seu vizinho, examinava-a com um sorriso, o público ria, como desarmado e já não pensava em assobiar, enquanto os rapazes de luva branca, empolgados também pelas curvas de Naná, pasmavam e aplaudiam.

— Isso é que ela é! Muito bem! Bravo!

Naná, entretanto, vendo a platéia rir, começou também a rir. A alegria redobrou. Ela era engraçada, afinal, a bela garota. O seu riso cavava-lhe uma linda covinha no queixo. Ela esperava, já não incomodada, familiar, tratando o público de igual para igual, tendo assim ares de dizer pelos cantos dos olhos que não tinha um centavo de talento, mas que isso não queria dizer nada, porque tinha outra coisa. E, depois de ter feito ao regente da orquestra um gesto que queria dizer: "Vamos, meu pateta!", principiou a segunda copla:

À meia-noite é Vênus que passa...

Era ainda a mesma voz avinagrada, mas agora ela tocava tanto a corda, não diremos sensível, mas sensual do público, que arrancava dele, por momentos, um leve estremecimento. Naná escondera o sorriso, que lhe iluminava a pequena boca vermelha, e resplandecia nos seus grandes olhos, de um azul muito claro. Em certos versos um pouco arrebatados, uma gulodice lhe arrebitava o nariz, cujas narinas róseas palpitavam, enquanto uma chama lhe passava nas faces. Ela continuava a balançar-se, não sabendo fazer mais do que isso. E já não achavam aquilo mau de todo, pelo contrário; os homens assestavam os binóculos. Quando ia terminar a copla, a voz faltou-lhe por completo, e percebeu que não poderia chegar ao fim. Então, sem se inquietar, saracoteou as ancas, que desenharam uma forma redonda sob a sua fina túnica, enquanto, de busto dobrado, o pescoço estirado para trás, estendia os braços. Rebentaram aplausos. Imediatamente ela se voltou, tornando a subir, deixando ver a nuca, onde os cabelos ruivos se ordenavam como no velo de um animal; os aplausos tornaram-se furiosos.

O final do ato foi mais frio. Vulcano queria esbofetear Vênus. Os deuses estavam em concílio e decidiram proceder a uma sindicância na Terra, antes de atenderem os maridos enganados. Era ali que Diana, surpreendendo as palavras ternas entre Vênus e Marte, jurava não lhes tirar os olhos de cima durante a viagem. Havia também uma cena em que o Amor, representado por uma garota de doze anos, respondia a todas as perguntas: "Sim, mamãe... Não, mamãe...", num tom choramingas, com os dedos no nariz. Depois, Júpiter, com a severidade de um professor que se enfada, fechava o Amor num quarto escuro, ordenando-lhe que conjugasse vinte vezes o verbo amar. O final agradou imenso, um coro em que a companhia e a orquestra se saíram brilhantemente. Mas descia o pano, e a claque tentou em vão obter uma volta; toda a gente se levantara, dirigindo-se já para as portas.

Pisavam-se, empurravam-se, apertados entre as filas de poltronas, trocando as suas impressões. Uma frase corria unanimemente:

— É idiota!

Um crítico dizia que era preciso desancar tudo aquilo. A peça era o que menos importava; falavam sobretudo de Naná. Fauchery e La Faloise, que tinham sido os primeiros a sair, encontraram-se no corredor da orquestra com Steiner e Mignon. Era sufocante aquela passagem apertada, estreita e acachapada como uma galeria de mina, iluminada por lâmpadas a gás. Demoraram-se um momento ao pé da escada da direita, protegidos pela volta do corrimão. Os espectadores dos lugares baratos desciam com um ruído contínuo de calçado grosseiro, a onda das casacas negras passava, enquanto uma porteira fazia todos os esforços para proteger contra os empurrões uma cadeira sobre a qual empilhara os trajes.

— Mas eu a conheço! — bradou Steiner, logo que avistou Fauchery. — Tenho certeza de que já a vi em qual quer parte... No cassino, se não me engano, e foi preciso levantá-la, porque estava caindo de bêbada.

— Eu também já a vi, mas não sei onde — disse o jornalista. — Estou como você, certamente já a encontrei...

Baixou a voz e acrescentou, rindo:

— Em casa de Tricon, talvez.

— Nossa! Num lugar tão sujo — declarou Mignon, que parecia exasperado. — Mas é nojento que o público aplauda desse modo a primeira porcalhona que lhe aparece. Daqui a pouco já não há mulheres honestas no teatro... Sim, acabarei por proibir Rose de representar.

Fauchery não pôde conter o riso. Entretanto, a degradingolada dos sapatos pelos degraus não cessava. Um homenzinho de barrete dizia em voz arrastada:

— Oh! Mas ela é bem carnudinha. A gente tem onde se agarrar.

No corredor, dois rapazes, cabelos frisados, muito cor-retamente vestidos, colarinhos dobrados, discutiam. Um repetia: "É infecta, é infecta!", sem dar razões; o outro respondia com a palavra: "Soberba! Soberba!", também desdenhando todo e qualquer argumento.

La Faloise achava-a muito boa; somente arriscava que seria muito melhor se cultivasse a voz. Então, Steiner, que não prestava atenção, pareceu despertar em sobressalto. Era preciso esperar pelo resto. Talvez se estragasse tudo nos atos seguintes. O público mostrara complacência, mas não estava ainda certamente empolgado. Mignon jurava que a peça não iria até o fim, e como Fauchery e La Faloise os deixassem para subir ao foyer, tomou o braço de Steiner, debruçou-se em seu ombro, dizendo-lhe ao ouvido:

— Meu caro, vai ver o traje de minha mulher no segundo ato... Verá que-apimentado!

No alto, no foyer, três lustres de cristal ardiam com viva luz. Os dois primos hesitaram um momento; a porta envidraçada, atarracada, deixava ver, de um a outro lado da galeria, um marulho de cabeças, levadas em duas correntes, um contínuo vaivém. No entanto, entraram. Cinco ou seis grupos de homens conversavam e gesticulavam muito enfaticamente, teimando no meio dos embates; os outros andavam em filas, girando sobre os calcanhares que batiam no soalho encerado.

À direita e à esquerda, entre colunas de mármore jaspeado, mulheres assentadas em banquetas de veludo encarnado olhavam a onda que passava, num olhar lasso, como enlanguescidas pelo calor; e, por trás delas, nos altos espelhos, viam-se seus coques. Ao fundo, diante do bufe, um homem barrigudo bebia uma limonada.

Mas Fauchery, para respirar, chegara à varanda. La Faloise, que examinava os retratos das atrizes nos quadros que alternavam com os espelhos, entre as colunas, acabou por segui-lo. Tinham apagado a iluminação a gás do frontão do teatro. Estava escuro e fazia frio na varanda, que lhes pareceu vazia. Um rapaz, só, envolvido na sombra, com os cotovelos apoiados na balaustrada de pedra, na abertura da direita, fumava

um cigarro, cuja brasa luzia. Fauchery reconheceu nele Daguenet. Apertaram-se as mãos.

— Que fazes aí, meu caro? — perguntou o jornalista. — Escondes-te nos recantos, tu que não deixas a platéia num dia de estréia?

— Não vês que estou fumando? — respondeu Daguenet.

Então, Fauchery, para o embaraçar:

— É verdade! Que pensas da estreante?... Fala-se muito mal dela nos corredores.

— Ah! — murmurou Daguenet. — Os homens a quem ela não quis!

E foi todo o seu julgamento a respeito do talento de Naná. La Faloise debruçou-se, olhando o bulevar. Em frente, as janelas de um hotel e de um círculo achavam-se vivamente iluminadas, enquanto no passeio uma massa negra de fregueses ocupava as mesas do Café de Madrid. Apesar da hora avançada, a multidão esmagava-se; marchava-se a passos curtos, saía gente continuamente do Passage Jouffroy, havia pessoas que tinham de esperar cinco minutos para poderem atravessar, tão comprida era a fila de carruagens.

— Que movimento! Que ruído! — repetia La Faloise, a quem Paris causava ainda admiração.

Um toque soou longamente, o foyer esvaziou-se. As pessoas apressavam-se nos corredores. Já o pano havia sido levantado e ainda entravam aos bandos, no meio do mau humor dos espectadores já sentados. Cada qual retomava o seu lugar, com rosto animado, novamente atento. O primeiro olhar de La Faloise foi para Gaga; mas ficou admirado de ver, junto dela, o loiro alto que ainda havia pouco estivera no camarote de boca de Lucy.

— Como se chama aquele senhor? — perguntou ele. Fauchery não o via.

— Ah! Sim, já sei, Labordette — acabou por dizer, com o mesmo gesto despreocupado.

O cenário do segundo ato foi uma surpresa. Estava-se num salão de bailes de arrabalde, no Boule-Noire, em pleno dia de carnaval; os mascarados cantavam uma ronda, que acompanhavam, no estribilho, sapateando com os tacões. Aquela extraviada canalha, que ninguém esperava, divertia de tal forma que tiveram que bisar a ronda. E era ali que o bando dos deuses, extraviado por íris, que falsamente se gabava de conhecer a Terra, vinha proceder à sindicância. Tinham-se disfarçado para

guardar o incógnito. Júpiter entrou de Rei Dagoberto, com os calções do avesso e uma enorme coroa de lata.

Febo apareceu de postilhão de Longjumeau e Minerva, de ama normanda. Um riso estrondoso acolheu Marte, que tinha um traje extravagante de almirante suíço. Mas as gargalhadas tornaram-se escandalosas quando apareceu Netuno envergando uma camisola, com a cabeça metida num alto boné em forma de balão, melenas coladas à frente, arrastando as suas pantufas e dizendo num vozeirão; "Pois então! Quando se é um homem bonito é preciso deixar-se amar!" Houve alguns "Oh! Oh!" da platéia, enquanto as senhoras levantavam um pouco os seus leques. Lucy, no seu camarote de boca, ria tão ruidosamente que Caroline Héquet fê-la calar-se batendo-lhe levemente com o leque.

Desde então, a peça achava-se salva, desenhava-se um grande êxito. Aquele carnaval dos deuses, o Olimpo arrastado pela lama, uma religião e uma poesia parodiadas, eram de um gozo requintado. A febre da irreverência ganhava a gente letrada das primeiras representações; espezinhavam a lenda, quebravam os antigos ídolos. Júpiter tinha um semblante gracioso, Marte estava atrapalhado. A realeza tornava-se uma farsa e o exército, uma fantochada. Quando Júpiter, de repente apaixonado por uma lavadeira, se pôs a dançar um canção descabelado, e Simonne, que fazia de lavadeira, deu um pontapé no nariz do chefe dos deuses, chamando-lhe tão divertidamente: "Meu gorducho!", um riso doido sacudiu toda a platéia. Enquanto dançavam, Febo pagava copázios a Minerva, e Netuno entusiasmava-se, rodeado de sete ou oito mulheres que o regalavam de bolos. Apanhavam-se as alusões, juntavam-se-lhes obscenidades, dava-se segundo sentido a palavras inofensivas, desviadas do seu verdadeiro curso pelas exclamações que vinham das poltronas de orquestra. Havia muito que, no teatro, o público não chafurdava em estupidez tão desrespeitosa. Aquilo repousava-o.

Entretanto, a ação continuava a sua marcha, no meio daquelas asneiras. Vulcano, de rapaz elegante, todo vestido de amarelo e de amarelo enluvado, o monóculo enterrado na órbita, corria sempre atrás de Vênus, que chegava enfim, vestida de regateira, lenço na cabeça, seios generosos, coberta de grilhões de ouro. Naná era tão branca e tão gorda, tão natural naquela personagem, forte de ancas e de pescoço, que imediatamente empolgou a platéia inteira. Esqueceram Rose Mignon, um delicioso bebe com um barrete de vime e um vestido curto de musselina, que acabava de suspirar os

queixumes de Diana numa voz encantadora. A outra, aquela garota gorda que batia nas coxas, que cacarejava como uma galinha, desprendia ao seu redor um cheiro de vida, um poderio de mulher com que o público se embriagava. Desde o segundo ato, tudo lhe foi permitido: o estar mal em cena, o não cantar afinado, o faltar-lhe a memória; bastava saracotear-se e rir para levantar aplausos. Ao fazer o seu costumeiro trejeito de ancas, a orquestra iluminava-se, um calor subia de galeria em galeria até a abóbada. E foi um delírio quando iniciou uma dança de tasca. Ela estava no seu elemento, a mão na ilharga, representando Vênus na valeta, à borda do passeio. E a música parecia feita expressamente para a sua voz grosseira, uma música de taberna, de volta da feira de Saint-Cloud, com espirros de clarinete e cabriolas de flautim.

Houve ainda dois trechos que foram bisados. A valsa de abertura, aquela valsa de ritmo brejeirão voltara à cena e arrebatava os deuses. Juno, em trajos de fazendeira, surpreendia Júpiter em flagrante delito com a sua lavadeira e o espancava. Diana, surpreendendo Vênus em vias de marcar um encontro com Marte, apressava-se a indicar o lugar e a hora a Vulcano, que exclamava: "Tenho o meu plano". O resto não transparecia claramente. A sindicância terminava com um golpe final, depois do quê, Júpiter, esbaforido, nadando em suor, sem coroa, declarava que as mulherzinhas da Terra eram deliciosas e que os homens não tinham razão de queixa.

O pano caía quando, dominando os bravos, as vozes gritaram violentamente:

— Todos! Todos!

Então, o pano tornou a subir, os artistas apareceram, dando-se as mãos uns aos outros. No meio, Naná e Rose Mignon, ao lado uma da outra, faziam reverências.

Aplaudiam, a claque soltava exclamações. Depois, a platéia, lentamente, semi-esvaziou-se.

— Tenho de ir cumprimentar a Condessa Muffat — disse La Faloise.

— É verdade, e vais apresentar-me — respondeu Fauchery. — Desceremos em seguida.

Mas não era fácil chegar aos camarotes do balcão. No corredor, em cima, as pessoas esmagavam-se. Para avançar por entre os grupos era preciso esgueirar-se, encolher-se alargando os cotovelos. Postado sob uma lâmpada de cobre em que ardia um jato de gás, o crítico gordo julgava a peça diante de um círculo de pessoas atentas. Gente que passava nomeava-o

a meia-voz. Ele rira durante todo o ato, era o rumor dos corredores; contudo, mostrava-se muito severo, falava do gosto e da moral. Mais longe, o crítico de lábios delgados mostrava-se cheio de uma benevolência cujo fundo parecia ter um sabor estragado, como de leite azedo.

Fauchery esquadrihava os camarotes de relance, pelas aberturas feitas nas portas. Mas o Conde de Vandevres deteve-o, fazendo-lhe perguntas; e quando soube que os dois primos iam cumprimentar os Muffat, indicou-lhes o camarote 7, de onde justamente acabava de sair. Depois, ao ouvido do jornalista:

— Diga, meu caro, se esta Naná não é justamente aquela que vimos uma noite, na esquina da Rue de Provence...

— É isso! Tem razão — exclamou Fauchery. — Eu bem dizia que a conhecia!

La Faloise apresentou o seu primo ao Conde Muffat de Beuville, que se mostrou muito frio. Mas, ao ouvir o nome de Fauchery, a condessa levantou a cabeça e cumprimentou o cronista dos artigos do Figaro com uma frase discreta. Com os cotovelos apoiados no veludo da balaustrada, voltou-se com um bonito movimento de ombros. Falaram por um instante, e a conversação recaiu sobre a Exposição Universal.

Vai ser uma coisa belíssima — disse o conde, cuja face quadrada e regular mantinha uma gravidade oficial. — Visitei o Champ de Mars hoje... Voltei maravilhado.

— Dizem que não estará pronta a tempo — arriscou La Faloise. — Há complicações.

Mas o conde, com a sua voz severa, interrompeu-o.

— Estará pronta... O imperador assim o quer. Fauchery contou jocosamente que tivera de ficar no aquário, então em construção, um dia que ali fora buscar assunto para um artigo. A condessa sorria. Olhava por momentos para a platéia, levantando um dos seus braços enluvados até o cotovelo e abanando-se com mão langorosa. A platéia, quase vazia, dormitava; alguns sujeitos, na orquestra, tinham desdobrado os jornais; as mulheres recebiam, muito à vontade, como se estivessem em suas casas. Não havia mais do que um cochichar de amável companhia sob o lustre, cuja claridade se dulcificava na fina poeira levantada pelo movimento no entreato. Às portas, os homens empilhavam-se para ver as mulheres que ficavam sentadas; ficavam ali, um minuto, imóveis, alongando o pescoço, ostentando o grande coração branco dos seus plastrões.

— Contamos com o senhor na próxima terça-feira — disse a condessa a La Faloise.

E convidou Fauchery, que se inclinou. Não falaram da peça, o nome de Naná não foi pronunciado. O conde conservava uma dignidade tão gelada que dir-se-ia estar numa sessão parlamentar. Disse simplesmente, para explicar a sua presença, que seu sogro gostava de teatro. A porta do camarote tivera de ficar aberta, e o Marquês de Chouard, que saíra a fim de deixar lugar aos visitantes, alçava a sua alta estatura de velho, a face branca e mole sob um chapéu de largas abas, seguindo com os olhos turvos as mulheres que passavam.

Logo que a condessa fez o seu convite, Fauchery despediu-se, sentindo que seria inconveniente se falasse da peça. La Faloise foi o último a sair. Acabava de ver no camarote de boca do Conde de Vandevres o loiro Labordette, redondamente instalado, entretendo-se muito de perto com Blan-che de Sivry.

— Ah! E esta! — disse ele logo que apanhou o primo. — Esse Labordette conhece todas as mulheres?... Lá está ele agora com Blanche.

— Mas claro, ele conhece todas — respondeu tranqüilamente Fauchery. — Onde tens estado tu metido, meu caro?

O corredor havia-se esvaziado um pouco. Fauchery ia descer, quando Lucy Stewart o chamou. Ela estava bem no fundo, diante do seu camarote de boca. Era de morrer assada lá dentro, ela dizia; e ocupava toda a largura do corredor, em companhia de Caroline Héquet e de sua mãe, trincando amêndoas. Uma porteira conversava maternalmente com elas. Lucy repreendeu o jornalista: ele era amável, subia para ver as outras mulheres, e nem ao menos vinha perguntar se tinham sede! Depois, mudando de assunto:

— Sabes, meu caro, que acho Naná muito bem?!

Ela queria que ele ficasse no camarote para assistir ao último ato; mas ele escapou, prometendo que se juntaria a ela na saída. Embaixo, defronte do teatro, Fauchery e La Faloise acenderam cigarros. Um ajuntamento enchia o passeio, uma fila de homens que vinham saindo e respiravam a frescura da noite no meio do roncar diminuído do bulevar.

Entretanto, Mignon acabava de arrastar Steiner para o Café des Variétés. Vendo o êxito de Naná, pôs-se a falar dela com entusiasmo, observando o banqueiro de soslaio. Ele o conhecia; duas vezes já o ajudara a enganar Rose; depois, satisfeito o capricho, tinha-o levado arrependido e fiel. No

café, os fregueses, numerosíssimos, apertavam-se em volta das mesas de mármore; alguns bebiam de pé, precipitadamente; e os largos espelhos refletiam ao infinito aquela confusão de cabeças, tornavam desmedidamente grande a estreita sala, com seus três lustres, suas banquetas de couro, sua escada de caracol atapetada de vermelho. Steiner foi sentar-se a uma mesa da primeira sala, que estava aberta para o bulevar, e da qual tinham tirado as portas um pouco cedo para a época. Como Fauchery e La Faloise passassem, o banqueiro reteve-os.

— Venham tomar um copo de cerveja conosco.

Uma idéia, porém, o preocupava: queria mandar atirar um buque a Naná. Por fim, acenou a um criado do café, a quem chamou familiarmente. Auguste Mignon, que o escutava, olhou-o tão intensamente que ele perturbou-se, balbuciando:

— Dois buques, Auguste, e manda-os à porteira, um para cada uma daquelas senhoras, no momento propício, ouviste?

No outro extremo da sala, de nuca apoiada à moldura de um espelho, uma moça de dezoito anos, quando muito, achava-se de pé, conservando-se imóvel diante de um copo vazio, como que entorpecida por uma prolongada e vã espera. Sob o frisado natural dos seus belos cabelos acinzentados, tinha um rosto de virgem, com olhos de veludo, doces e cândidos; e usava um vestido de seda verde desbotada, com um chapeuzinho redondo que os encontrões que enfrentara tinham amarrotado completamente. A frescura da noite fazia-a muito pálida.

— Olha! Ali está Satin — murmurou Fauchery, ao vê-la.

La Faloise fez-lhe perguntas. Oh! Uma prostituta de rua, nada mais. Mas era tão vadia que gostavam de se entreter com ela fazendo-a conversar. E o jornalista, alteando a voz:

— Então, que fazes, Satin?

— Chateio-me — respondeu Satin tranqüilamente, sem se mexer.

Os quatro homens, encantados, riram-se.

Mignon garantia que era desnecessário apressarem-se; eram precisos vinte minutos para a mudança do terceiro ato. Mas os dois primeiros homens, que tinham bebido a sua cerveja, quiseram subir, o frio atazanava-os. Então Mignon, que ficara a sós com Steiner, descansou o rosto nas mãos, e apoiado nos cotovelos falou-lhe junto ao rosto:

— Hein? Então está combinado. Iremos à casa dela, apresentá-lo-ei... Ficará entre nós, minha mulher não precisa saber.

Tornando aos seus lugares, Fauchery e La Faloise notaram, num camarote de segunda classe, uma bonita mulher, vestida com modéstia. Achava-se em companhia de um sujeito de ares sérios, um chefe de repartição do Ministério do Interior, que La Faloise conhecia, por tê-lo encontrado em casa dos Muffat. Quanto a Fauchery, julgava que ela se chamava Mme Robert; uma mulher honesta que tinha apenas um amante, e sempre um homem respeitável.

Tiveram que se virar, entretanto. Daguenet sorria-lhes. Agora que Naná obtivera êxito, já não se escondia, acabava de triunfar nos corredores. A seu lado, o jovem fugido do colégio não deixara a sua poltrona, na estupefação admirativa em que Naná o lançara. Era aquilo, era a mulher; e corava, calçava e descalçava as luvas, maquinalmente. Depois, como o seu vizinho falasse de Naná, atreveu-se a perguntar:

— Perdão, senhor, mas aquela senhora que representa, o senhor a conhece?

Sim, um pouco — murmurou Daguenet, surpreendido e hesitante.

— Então, sabe seu endereço?

A pergunta veio tão de chofre e a nu, que a vontade do interrogado foi responder a ela com uma bofetada.

Não! — disse num tom seco.

E voltou-lhe as costas. O loirinho compreendeu que dissera uma inconveniência; corou ainda mais e ficou assustado.

Batiam as três pancadas; as porteiras porfiavam em entregar os trajes, carregadas de pelicas e sobretudos no meio das pessoas que entravam. A claque aplaudia o cenário, uma gruta do monte Etna, cavada numa mina de prata, e cujos flancos tinham o brilho dos escudos novos; ao fundo, a forja de Vulcano aparecia num poente de astro. Diana, desde a segunda cena, entendia-se com o deus, que devia fingir uma viagem para deixar o lugar livre a Vênus e a Marte. Depois, apenas Diana se achou só, Vênus chegou. Um estremecimento agitou a platéia. Naná estava nua, nua com uma tranqüila audácia, certa do poderio da sua carne. Envolveria-a uma simples gaze; os seus ombros roliços, o seu colo de amazona mostrando os seios nus, cujos mamilos róseos se conservavam eretos e rígidos como lanças; as suas largas ancas que reboavam num bambolear voluptuoso; as suas coxas loiras e gordas, todo o seu corpo se adivinhava, se via sob o tecido levíssimo de uma brancura de espuma. Era Vênus nascendo das ondas, não tendo por traje mais do que os seus cabelos. E quando Naná levantava os

braços viam-se ao clarão das luzes do palco os pêlos de ouro das suas axilas. Ninguém aplaudia. Todos deixaram de rir, as faces dos homens, sérias, avançavam, com o nariz adelgado, a boca irritada e seca. Dir-se-ia que passara um vento muito manso, carregado de uma surda ameaça. De repente, na jovem simplória despertava a mulher inquietadora, trazendo o golpe de loucura do seu sexo, abrindo o desconhecido do desejo. Naná continuava a sorrir, com o seu sorriso insinuante de exploradora de bordel.

— Caramba! — disse simplesmente Fauchery a La Fa loise.

Marte, entretanto, corria ao encontro com o seu penacho e achava-se entre as duas deusas. Nesse ponto, havia uma cena, que Prullière representava finamente; acariciado por Diana, que queria tentar sobre ele um último esforço antes de o deixar a Vulcano, mimado por Vênus, que a presença da sua rival estimulava, abandonava-se às suas meiguices com um ar beatífico de galo triunfante. Depois, um grande trio fechou a cena; e foi então que uma porteira apareceu no camarote de Lucy Stewart e atirou dois enormes buques de lilases brancos. Aplaudiram, Naná e Rose Mignon agradeceram, enquanto Prullière apanhava os buques. Uma parte da orquestra voltou-se, sorrindo, para a frisa ocupada por Steiner e Mignon. O banqueiro, com a cara em fogo, fazia pequenos movimentos convulsivos com o queixo, como se sentisse um nó na garganta.

O que se seguiu acabou por empolgar a platéia. Diana fugira, furiosa. Logo em seguida, sentada num banco de musgo, Vênus chamava Marte para junto dela. Nunca até ali se ousara uma cena de tão cálida sedução. Naná, com os braços no pescoço de Prullière, atraía-o, quando Fontan, entregando-se a uma mímica de furor desopilador, exagerando a máscara de um esposo ultrajado que surpreende a sua mulher em flagrante delito, apareceu no fundo da gruta. Tinha nas mãos a famosa rede de malhas de ferro. Balançou-a um instante, tal como um pescador que se dispõe a lançar uma tarrafa, e, por um expediente engenhoso, Vênus e Marte foram apanhados na armadilha, envolvidos pela rede, que os imobilizou na sua postura de amantes felizes.

Cresceu um murmúrio, como um suspiro que inchasse. Algumas mãos bateram palmas, todos os binóculos se fixaram em Vênus. Pouco a pouco, Naná tomara posse do público, e agora cada homem exaltava-a. O cio que ela espalhava, cio como de animal aluado, expandia-se cada vez mais e enchia a sala. Àquela hora da noite, os seus mínimos movimentos ateavam o desejo; ela atormentava a carne com qualquer gesto dos seus dedos

pequeninos. Os dorsos arredondavam-se, vibrando como se arcos de rabeca invisíveis deslizassem ao longo dos músculos, as nuças mostravam os pelozinhos fugazes que como que esvoaçavam sob hálitos tépidos e errantes, vindos não se sabia de que boca de mulher. Fauchery via diante de si o fugitivo do colégio a quem a paixão fazia levantar de sua poltrona. Teve a curiosidade de olhar para o Conde de Vandevres, muito pálido, os lábios cerrados; o bojudo Steiner, cuja face apoplética dir-se-ia querer estourar; Labordette admirando com ares surpreendidos de alquilador a apreciar uma égua perfeita; Daguinet, cujas orelhas dir-se-iam sangrar e remexer de gozo. Depois, num certo momento, deitando uma olhadela para trás, ficou admirado com o que viu no camarote dos Muffat: por detrás da condessa, branca e séria, o conde alçava-se, boquiaberto, a face marmoreada de manchas vermelhas, enquanto perto dele, na sombra, os olhos turvos do Marquês de Chouard se haviam tornado olhos de gato, fosforescentes, palhetados de ouro. Sufocava-se, as cabeleiras tornavam-se pesadas nas cabeças suadas. Havia três horas que ali se estava, a respiração havia aquecido o ar com um cheiro humano. No chamejar do gás, as poeiras em suspensão empastavam-se, imóveis, por debaixo do lustre. Toda a sala resvalava, deslizava numa vertigem lassa e excitada, presa dos desejos ensonados da meia-noite que balbuciam no fundo das alcovas. E Naná, em face daquele público em espasmo, daquelas mil e quinhentas pessoas empilhadas, afogadas num esgotamento e desequilíbrio nervoso de um final de espetáculo, ficava vitoriosa com a sua carne de mármore, com o seu sexo bastante forte para aniquilar toda aquela gente e não ser por ela nem sequer beliscada.

A peça terminou. Aos brados triunfantes de Vulcano, todo o Olimpo desfilava diante dos amorosos, aos "Oh! Oh!" e "Ah! Ah!" de estupefação e facécia.

Júpiter dizia: "Meu filho, acho-te estouvado em nos chamares para ver isto". Depois, dava-se uma reviravolta em favor de Vênus. O coro dos cornudos, novamente introduzido por Íris, suplicava ao deus dos deuses que não desse seguimento a sua sindicância; desde que as mulheres tinham entrado no lar, a vida tornara-se impossível aos homens; eles gostavam mais de andar enganados e contentes, era essa a moral da comédia. Então, libertaram Vênus. Vulcano obtinha uma separação de corpos. Marte reconciliava-se com Diana. Júpiter, para haver paz na família, mandava a sua lavadeirinha para uma constelação. E tiravam afinal o Amor do seu

cárcere, onde ele tinha brincado, em vez de conjugar o verbo amar. O pano caía sobre uma apoteose, com o coro dos cornudos ajoelhado, cantando um hino de ação de graças a Vênus, sorridente e engrandecida na sua nudez soberana.

Os espectadores, já de pé, dirigiam-se para as portas. Chamaram-se os autores, houve duas chamadas no meio de um trovejar de bravos. O brado "Naná! Naná!" reboara furiosamente. Depois, a platéia ainda não estava vazia e já se achava às escuras; as luzes do palco apagaram-se, o lustre amorteceu; as compridas coberturas de pano pardo escorregaram dos camarotes de boca, envolveram os dourados das galerias; e aquela sala tão quente, tão ruidosa, caiu de chofre num profundo sono, enquanto um cheiro a bafio e a poeira subia. À beira do seu camarote, à espera de que a multidão escoasse, a Condessa Muffat, ereta, abafada em peles, olhava para o escuro.

Nos corredores, empurravam as porteiras, que perdiam a cabeça entre as pilhas de trajes que desabavam. Fauchery e La Faloise tinham-se apressado, para assistir à saída. Ao longo do vestíbulo, os homens abriam alas, enquanto, da dupla escadaria, lentamente, duas filas intermináveis de gente desciam, regulares e compactas. Steiner, arrastado por Mignon, fora dos primeiros a esgueirar-se. O Conde de Vandevres saiu com Blanche de Sivry pelo braço. Gaga e sua filha pareceram embaraçadas um instante, mas Labordette apressou-se a ir-lhes buscar uma carruagem, cuja porta fechou galantemente, logo que elas entraram. Ninguém viu passar Daguenet. Como o fugitivo do colégio, com as faces a arder, se decidisse a esperar defronte da porta dos artistas e corresse ao Passage des Panoramas, que encontrou de grade fechada, Satin, de pé no passeio, veio roçá-lo com as suas saias; ele, entretanto, desesperado, repeliu-a brutalmente, desaparecendo em seguida no meio da multidão, com lágrimas de desejo e impotência nos olhos. Os espectadores acendiam charutos e afastavam-se cantarolando:

Quando Vênus ronda à noite Satin subiu até o Café des Variétés, onde Auguste lhe deixou comer os restos do açúcar que os fregueses haviam deixado nas chávenas. Um homem gordo, que saía, muito acalorado, levou-a por fim para a sombra do bulevar adormecido.

Entretanto, havia ainda gente descendo. La Faloise esperava Clarisse. Fauchery prometera levar Lucy Stewart com Caroline Héquet e sua mãe. Elas chegavam, ocupavam por completo um canto do vestíbulo, rindo muito alto, quando os Muffat passaram, com ar glacial. Bordenave acabava

justamente de empurrar uma portinha e obtinha de Fauchery a promessa formal de uma crônica. Estava suando, de faces vermelhas, como que bêbedo pelo êxito.

— Aí tem você coisa para duzentas representações — disse-lhe obsequiosamente La Faloise. — Paris inteira virá desfilando no seu teatro.

Mas Bordenave, enfadando-se, mostrando num movimento brusco de queixo o público que enchia o vestíbulo, aquela balbúrdia de homens de lábios secos, de olhos ardentes, todos abrasados, ainda na posse de Naná, gritou com violência:

Diz antes do meu bordel, teimoso de um raio!

II

Na manhã seguinte, pelas dez horas, Naná dormia. Ocupava no Boulevard Haussmann o segundo andar de uma grande casa nova que o proprietário alugava só a senhoras, para as obrigar a lavar os estuques. Um rico comerciante de Moscou, que viera passar um inverno em Paris, instalara-a ali, pagando seis meses adiantados. O compartimento, vasto demais para ela, nunca fora mobiliado por completo; e um luxo vistoso, mesinhas e cadeiras douradas, contrastava com um bricabraque de segunda mão, mísulas de acaju e candelabros de zinco a fingirem de bronze florentino. Tudo aquilo cheirava a jovem deixada muito cedo pelo seu primeiro possuidor sério, caída em amantes equívocos, a um começo difícil, falhado, entravado por recusas de crédito e ameaças de expulsão...

Naná dormia de bruços, apertando entre os braços nus o travesseiro, onde enterrava o rosto pálido de sono. O quarto de dormir e o toailete eram os dois únicos compartimentos de que um atapetador do bairro havia cuidado. Sob uma cortina resvalava a claridade, distinguindo-se a mobília de palissandra, as tapeçarias e as cadeiras de damasco lavrado, com grandes flores azuis sobre fundo pardo. Mas, no aconchego daquele quarto sonolento, Naná despertou em sobressalto, como surpreendida de sentir um vazio perto dela. Olhou para a segunda almofada que se achava ao lado da sua, com a cova ainda tépida de uma cabeça, no meio da cercadura de renda. E, apalpando com a mão, apertou o botão de uma campainha elétrica que tinha à cabeceira.

— Já se foi? — perguntou ela à criada que se apresentou.

— Sim, minha senhora, M. Paul saiu não há ainda dez minutos... Como a senhora estava fatigada, não a quis acordar. Mas encarregou-me de lhe dizer que virá amanhã.

Enquanto falava, Zoé, a criada de quarto, abria as persianas. A luz entrou em cheio. Zoé, muito trigueira, penteada com pequenos bandós, tinha o rosto comprido, um focinho canino, lívido e bexigoso, com grossos lábios e olhos negros em incessante movimento.

— Amanhã, amanhã... — repetiu Naná mal despertada ainda. — É amanhã o dia?

— Sim, minha senhora. M. Paul tem sempre vindo às quartas-feiras!

— Mas não! Lembro-me bem! — bradou a jovem sentando-se na cama. — Mudei tudo. Era o que eu lhe queria dizer esta manhã... Ele cairia sobre o morenaço. Teríamos história!

— A senhora não me preveniu, e eu não podia adivinhar — murmurou Zoé. — Quando a senhora quiser mudar os seus dias é melhor avisar-me primeiro, para que eu o saiba... Então o velho sovina já não é para as terças?

Chamavam assim, entre si, sem se rirem daqueles nomes de morenaço e sovina, os dois homens que pagavam, um comerciante do bairro de Saint-Denis, de temperamento mesquinho, e um valáquio, pretense conde, cujo dinheiro, sempre muito irregular, tinha um cheiro estranho. Dagenet ficara com as manhãs do velho sovina; como o comerciante devia estar de manhã em casa, logo às oito horas, o rapaz espreitava a sua partida, da cozinha de Zoé, e tomava o seu lugar ainda quente até as dez horas; depois, ele próprio ia aos seus trabalhos. Naná e ele achavam aquilo muito cômodo.

— Tanto pior! — disse ela. — Escrever-lhe-ei esta tar de... E se ele não receber a minha carta, amanhã impedi-lo-ás de entrar.

Entretanto, Zoé caminhava suavemente pelo quarto. Falava do grande êxito da véspera. A senhora mostrara tanto talento, cantava tão bem! Agora podia estar descansada!

Naná, com o cotovelo apoiado no travesseiro, respondia apenas com acenos de cabeça. A camisola escorregara, os cabelos tinham-se desmanchado e rolavam-lhe pelas espáduas.

— Sem dúvida — murmurou ela, tornando-se sonhadora —, mas que fazer enquanto espero? Vou ter hoje toda espécie de maçadas... Vejamos, o porteiro voltou aqui em cima esta manhã?

Então conversaram ambas seriamente.

Deviam três trimestres, o senhorio falava em penhora. Depois, havia o calvário dos credores, o alugador de carruagens, a costureira de roupa-branca, a modista, o carvoeiro e outros ainda, que todos os dias vinham instalar-se num banquinho da antecâmara; o carvoeiro, sobretudo, mostrava-se terrível, berrava na escada. Mas o grande desgosto de Naná era o seu pequeno Louis, uma criança que tivera aos dezesseis anos e que estava com a ama, numa aldeia, nos arredores de Rambouillet. Essa mulher reclamava trezentos francos para entregar Louiset. Tomada de uma crise de amor maternal, depois da sua última visita ao filho, Naná desesperava por não poder realizar um projeto que era a sua idéia fixa: pagar à ama e meter o garoto em casa de sua tia, Mme Lerat, em Batignolles, onde poderia ir vê-lo toda vez que quisesse.

Entretanto, a criada insinuava que a senhora deveria confessar as suas dificuldades de vida ao velho sovina.

— Ora! eu já lhe contei tudo — disse Naná. — Respondeu-me que tinha grandes pagamentos a fazer... O morenaço está na miséria, agora; parece-me que tem perdido no jogo... Quanto ao pobre Mimi, precisa que lhe empres tem; uma baixa de fundos limpou-o, nem me pode mais oferecer flores.

Falava de Daguinet. No abandono do despertar, não tinha segredos para Zoé. Esta, habituada a tais confidências, recebia-as com uma simpatia respeitosa. Uma vez que a senhora se dignava falar com ela a respeito dos seus negócios, permitir-se-ia dizer-lhe o que pensava. Em primeiro lugar gostava muito da senhora, tinha deixado de propósito Mme Blanche, e sabe Deus as instâncias que Mme Blanche fazia para que ela voltasse para a sua casa! Casas não faltavam, era bastante conhecida; mas ficaria em casa da senhora. E acabou por dar conselhos. Quando a gente era nova fazia tolices. Dessa vez era preciso abrir os olhos, porque os homens não pensavam senão em divertir-se. Oh! haviam de aparecer! Ê bastaria que a senhora dissesse uma palavra para acalmar os seus credores e para arranjar o dinheiro de que tinha precisão.

— Tudo isso não me dá trezentos francos — repetiu Naná, enterrando os dedos nas madeixas soltas do seu cabelo. — Preciso de trezentos francos hoje, o mais depressa possível... É estúpido não se conhecer alguém que nos em preste trezentos francos.

Se conhecesse, enviaria a Rambouillet Mme Lerat, que esperava justamente naquela manhã. Esse capricho contrariado estragava-lhe o